

Diário de bordo

Caravana CAMP e RECID Ceará: sistematizando experiências, construindo possibilidades

Gilson Lucena, educador da RECID Ceará

O saber da história como possibilidade e não como determinação. O mundo não é. O mundo está sendo. [...] Não sou apenas objeto da História, mas seu sujeito igualmente. No mundo da História, da cultura, da política, constato não para me adaptar, mas para mudar (FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia).

O que caracteriza um projeto popular é o compromisso de um povo com suas diferenças e diversidades culturais, sejam elas religiosas, pluriétnicas e/ou relacionais, que visam construir e fortalecer as novas relações humanas, compreendendo-as como necessárias para o processo de libertação, de vivência, de existência.

No Ceará, o fortalecimento das lutas e dos movimentos sociais populares se dá, entre outros caminhos, pela revitalização, resgate e valorização da cultura e da história do seu povo, como elementos que constroem a unidade na diversidade. Nessa perspectiva, para além de conhecer a realidade dos povos locais e suas manifestações de vida e de luta, é essencial reconhecê-las e construir, em diálogo com o mundo, o sentimento de pertença, de identificação enquanto povo.

Por esse caminho e pensar, nos urgiu diluir-se no cotidiano das experiências de vida do povo cearense, que é o chão do fazer político e metodológico da Rede de Educação Cidadã (RECID). Então, motivados/movidos pelo objetivo de embrenhar-se em tais experiências a fim de sabê-las, sistematizá-las e anunciá-las como perspectiva de construção de um mundo mais humano, justo e solidário, nos pomos a caminhar pelos saberes e sabores desse povo.

1

A primeira vereda nos levou à comunidade Lagoas dos Crioulos, município de Salitre, extremo Sul do Ceará. Lagoa dos Crioulos é uma comunidade remanescente de quilombo, que sofria, e ainda sofre, a ausência de políticas públicas, apesar de alguns avanços. Salitre é a cidade de menor Índice de Desenvolvimento Humano do Ceará. A história da RECID com a comunidade começa de forma muito mística. Logo na primeira visita, constatamos que na comunidade existira um Reisado, mas que sua Mestreira fora embora para o Piauí. A comunidade é um rico manancial em lendas, como a do "Boi Crioulo" que desgarrou-se de uma boiada que passava pela Chapada e com um vaqueiro ao seu alcance foi atraído por um canto de "Mãe D'água" vindo da lagoa que fica no centro da comunidade. Os dois, boi e vaqueiro, entraram na lagoa e se encantaram numa pedra. Daí o nome Lagoa dos Crioulos. Numa segunda visita, o arte-educador popular João do Crato, quando ia à comunidade, ficou com a guarda de uma Nossa Senhora Aparecida de gesso que um escultor pediu-lhe para segurar enquanto procurava o encomendador da imagem. Nesse meio-tempo, o transporte saiu e o educador ficou com a santa. Em um eventual reencontro entre ambos, o escultor deu a santa ao educador, dizendo-lhe: "A santa é sua!". E o educador disse-lhe: "Não, essa santa é Mãe Aparecida dos Crioulos da Comunidade de Lagoa dos Crioulos".

A comunidade, até então, não possuía uma padroeira. Daí que a comunidade e a RECID escolheram o dia 13 de maio para entronizá-la. Em parceria com o grupo de Valorização Negra do Cariri, SESC, CCBNB e o Poder Público de Salitre, fizemos uma grande procissão e adentramos com a santa no local onde hoje é a capelinha da comunidade. Desde então (2009), passamos com a comunidade e as parcerias a construir essa festa anual. Aliados aos festejos, aconteceram dois Encontros Microrregionais da RECID, acompanhados de formações diversas para a comunidade, como cursos de fabricação de bonecas de pano para as mulheres, para trabalhar a identidade (bonecas negras), curso

de fabricação de sabonetes medicinais (geração de renda) e um curso em vários módulos para resgate do reisado. Para isso, contamos com a contribuição do Mestre Cirilo, reconhecido como Mestre do Saber Popular. O resultado foi a recriação do Reisado, que intitula-se "Reisado do Boi Crioulo", hoje em atividade. Durante o decorrer das festas anuais, intercambiamos saberes e sabores com as outras comunidades negras que compõem o Distrito de Lagoa dos Crioulos, tais como: Serra do Chagas (hoje certificada), Arapuça, Facão, Quincas, Cassetes, Chapada do Môco, Arruda em Araripe (certificada), Carcará em Potengi (em processo de certificação). Possibilitamos nesses festejos a vinda de outros grupos culturais do Cariri que influenciaram a escola local a trabalhar com essas temáticas da tradição que, de certa forma, têm fortalecido a identidade desse povo. A partir da intervenção da RECID, a Lagoa já tem creche, CRAS, posto de saúde, cisternas de placa, dentre outras políticas públicas. Muita coisa ainda precisa ser feita, mas já percebemos melhora na autoestima desse povo, que vivia num processo de invisibilidade gritante. O surgimento de lideranças nas comunidades figuram mais um avanço, o que nos orgulha. A semente foi plantada. Acreditamos que em parceria com a EPUCA (Escola de Políticas Públicas e Cidadania), fortaleceremos esse trabalho, numa possibilidade de melhoria das condições de vida no tocante à geração de emprego e renda. Novas parcerias estão surgindo a partir dessa experiência em educação popular. Assim, esperamos ampliar esse horizonte para a busca da plena cidadania.

Muitas conquistas ainda podem ser citadas na comunidade, embora sejam indescritíveis, como a mudança no contexto das relações de amorosidade, empoderamento e organização desse povo. Na última festa, que contou com a presença do CAMP, fomos apenas convidados, estávamos somente para assistir, contemplar a festa, pois a mesma foi toda pensada e organizada pelos comunitários. Mais um avanço diagnosticado, pois em anos anteriores estávamos inteiramente à frente da organização. Podemos vivenciar a procissão da Mãe Aparecida dos Crioulos; fazer parte da novena que resgata o histórico

das lutas e da organização da comunidade; da distribuição de esperança e verde, que se deu a partir das mudas de árvores nativas; vivenciamos uma roda de coco com Mestre Cirilo; vimos a alegria nos olhos das crianças que recebiam roupas e brinquedos; assistimos à cultura se movimentar em forró pé-de-serra e realizamos um roda de conversa que nos desenhou a construção dos laços de construção entre a RECID e a comunidade.

Outro forte momento dessa visita foi a Roda de Conversa Política, com a proposta de anunciar os avanços da comunidade e denunciar o que ainda não está a contento. Simbolizou a pauta política da comunidade, que, dentre outras, exigiu saúde específica para o povo negro, educação contextualizada, água e convivência harmônica com o semiárido. Constatamos um crescimento do movimento quilombola, que começa com o autorreconhecimento, mapeamento e valorização. Claramente percebemos as mudanças da comunidade. É certo que muito ainda se precisa avançar em Lagoa dos Crioulos, mas a semente foi plantada, agora cabe à própria comunidade continuar no caminho escolhido. As propostas encaminhadas da pauta política, o que figura também desafios, foram: construir, em regime de mutirão, um espaço comunitário – um museu, com a tecnologia da própria comunidade, que está se perdendo – de tijolo batido; realizar Fórum de Debate sobre direitos do povo quilombola e apresentar pauta de reivindicações da comunidade, de forma documental, aos poderes públicos.

Seguem, na sequência, algumas falas significativas colhidas na Roda:

“Estamos felizes por vir assistir à festa e não fazê-la. Isso nos denota o empoderamento, crescimento comunitário” (João do Crato – Arte-educador da RECID).

“O processo de transformação só acontece pela vontade do seu povo” (Valéria – GRUNEC).

“É a fala de vocês que vai demandar o que temos que fazer: construção da igualdade racial, reafirmação do direito/reconhecimento do povo quilombola – titulação das terras, desapropriação das terras em benefício social” (Verônica – GRUNEC).

“As comunidades quilombolas surgem a partir das lutas, da organização, da união; são táticas para a nossa estratégia; portanto muita luta e organização” (Manoel Leandro – Urucongo de Artes).

Para encerrar nossa visita à Lagoa dos Crioulos, fomos agraciados com um espetáculo de manifestações culturais, como o Maculelê, o Reisado, Deusas dos Orixás, percussão afro e outras tantas.

2

Encharcados da cultura negra do Cariri, enveredamos para a região Centro-sul do estado, onde fizemos a primeira parada no município de Jucás, para visitar e conhecer a experiência do curso de Educomunicadores Populares Comunitários realizado com parceria da RECID com a Rádio Comunitária Sucesso FM sob concessão da Associação de Base com Ações Participantes (ASCAP).

Cientes da conjuntura e da ideologia postas também no campo da comunicação, que reforçam uma mídia contrária à emancipação dos povos e a favor da elite brasileira, detentora desses meios, assim como considerando que essa política de comunicação não avança para o enfrentamento da concentração e a quebra desse monopólio no Brasil, que o que temos é uma mídia com a estratégia clara de inversão dos fatos e de criminalização das lutas e dos movimentos sociais, tendência que o governo parece não optar por reverter, a ASCAP e a RECID, de posse desse cenário, realizaram o curso de Formação Política no campo da Comunicação Popular e a apropriação dos instrumentos tecnológicos, a partir da realidade local, considerando a sua múltipla diversidade.

Entendemos que a Política de Comunicação da RECID precisa preparar e formar os(as) educadores(as) no campo teórico e prático numa perspectiva multiplicadora que prime pelo aspecto qualitativo e político, avançando na politização da sociedade para utilização dos meios de comunicação. O curso de Educomunicadores Populares Comunitários nos figura um avanço nessa proposta, que dialoga com nossa Política de Comunicação. Ainda temos o que enfrentar no que se refere ao desafio de avançar para compreender a comunicação não apenas como uma ferramenta de repasse de informação, mas como instrumento pedagógico e político de transformação. A democratização, nesse campo, virá com a formação político-ideológica.

O curso tinha como tema: *A RECID centro-sul e a efetivação da comunicação popular: da informação à formação!* E lema: *Comunicação popular e comunitária: essa é nossa onda!* Seu objetivo era o de consolidar a comunicação como um processo sociopolítico coletivo de construção do conhecimento, de humanização, de diálogo, de relações horizontalizadas e de expressão da diversidade, à luz do Projeto Político-Pedagógico (PPP) da RECID, com formação prática e ênfase na formação política rumo à construção de práticas contra-hegemônicas e ao fortalecimento do poder popular.

A proposta dialogava diretamente com o terceiro princípio do nosso PPP, que é a “humanização das relações sociais e com o mundo, em sua dimensão integral”, que tem como diretrizes específicas na seara da comunicação:

- 3.1 - garantir, na metodologia, a expressão de diferentes linguagens e simbologias;
- 3.2 - organizar e potencializar espaços de trocas de experiências e vivências;
- 3.4 - construir, acompanhar e fortalecer instrumentos de comunicação popular como uma das ferramentas para a reflexão e a vivência da ética.

A ideia do curso é de que a comunicação na comunidade seja participativa, portanto libertadora. Uma comunicação que seja feita para, pela, da e com a comunidade. Assim iríamos ao encontro da máxima da Educação Popular

Crítico-Freireana que tem o diálogo como principal veículo de comunicação. Buscando e promovendo a comunicação que informa, mas que também forma, como nos diz Freire: “Comunicação é coparticipação dos sujeitos no ato de pensar. Implica numa reciprocidade que não pode ser rompida. O que caracteriza a comunicação enquanto este comunicar comunicando-se é que ela é DIÁLOGO, assim como o diálogo é COMUNICATIVO”.

Portanto, o curso veio para construir e efetivar uma comunicação popular e democrática. Comunicação esta que fortaleça os movimentos sociais e que esteja realmente “a serviço” da sociedade, indo assim ao encontro da efetivação da construção de um projeto popular para os(as) brasileiros(as). Com ele, “reafirmamos o desejo de transformação e inserção social, consolidando a comunicação como um processo sociopolítico coletivo de construção do conhecimento, de humanização, de diálogo, de relações horizontalizadas e de expressão da diversidade, à luz do seu PPP, com formação prática e ênfase na formação política rumo à construção de práticas contra-hegemônicas e ao fortalecimento do poder popular”.

Foi com esse contexto, com esse jeito comunitário de gerir sua comunicação popular que vivenciamos nossa segunda visita. Para ilustrar como se efetiva esse jeito popular de se comunicar, os educadores apresentaram, em exclusividade para aquele dia, o programa “Jucás cantando e encantando”, com a presença de vários artistas da terra. O programa vem resgatando e valorizando a cultura e a comunicação de populares, que há muito vinham sendo esquecidas. Também se fez presente durante nossa visita a arte da xilogravura, com exposição de matrizes produzidas por participantes do curso básico de Xilogravura, também realizado em parceria da ASCAP e RECID.

3

Dessa rica experiência de educomunicação popular comunitária, rumamos para Acopiara, segundo pouso da região Centro-sul, a fim de conhecer a experiência da RECID com educação formal.

Há muito tempo a RECID vem dialogando sobre a institucionalização da educação popular enquanto política pública, de fato assumida pelo Estado. Um dos desafios que sempre se apresenta é a dificuldade do diálogo entre a educação formal e a educação popular, tidas, muitas vezes, como antagônicas, tanto na sua proposta metodológica quanto na intencionalidade política. Contudo, em alguns espaços, vem sendo construído esse diálogo/ponte. Isso se deve aos termos educadores que militam nos movimentos sociais populares e que ocupam cargos de gestão nas escolas públicas. Esse é o caso do Liceu de Acopiara, que possui como uma das coordenadoras pedagógicas a também educadora popular voluntária da RECID Sônia Taveira.

Esse diálogo/parceria vem se construindo e se efetivando cada vez mais, muito antes de ela ser coordenadora, quando ocupava assento no quadro de professores, onde já oportunizara um canal de conversa entre as duas searas da educação. O Liceu vem sendo palco de construção e empoderamento das juventudes a partir de oficinas e rodas de conversas sobre liderança e protagonismo juvenil, juventude e poder popular, juventude e motivação, políticas públicas para a juventude, danças circulares, cinema, teatro na perspectiva do oprimido, estamparia de camisetas, comunicação popular, confecção de sabonetes, juventude e negritude, formação sobre a consciência negra com o debate sobre a lei n. 10.639/2003, entre outros relevantes debates, além de formações, encontros do Coletivo Estadual e participação de jovens nos processos de formação estadual da RECID.

Um forte momento, que concretiza a parceria entre a RECID e o Liceu, foi a realização, nesse espaço, do Encontro de Formação e Celebração dos 10 anos da

RECID: sementes e frutos da educação popular, acontecido nos dias 6 e 7 de dezembro do 2103, onde objetivamos, a partir da vivência do nosso tripé (formação, organização e luta), celebrar a mística da militância e da esperança da RECID no Brasil e no estado do Ceará, com uma programação que contemplou o público sujeito de direito do Liceu – a juventude e os professores. Além disso, abrimos as portas para os movimentos sociais e populares da região. Como destaque, citamos o Círculo de Cultura sob a vivência da mística dos 10 anos da RECID: “Sementes e frutos da educação popular”, diálogo com os movimentos populares e demais sujeitos sociais sobre a educação que queremos, e a “Ciranda Estadual de Educação Popular”, com apresentação dos frutos produzidos pelas oficinas temáticas realizadas.

Visitar essa experiência nos faz ver com outros olhos a possibilidade de institucionalizar nosso jeito de ser e fazer educação popular sem perder nossa essência natural de movimentos sociais populares, mantendo foco no nosso horizonte político, que é a emancipação do nosso povo. Nessa visita, formamos e realizamos uma roda de conversa sobre a educação que queremos com jovens estudantes e convidados do Liceu e professores.

4

Enfim, último pouso da Caravana CAMP e RECID Ceará: chegamos à capital cearense, rotulada e vendida para os turistas como a “Terra da Luz”. Talvez seja isso mesmo que eles aqui encontrem: lindas praias, sol abrasador que aquece e anestesia seu estresse, belas “meninas-mulheres”, beira-mar iluminada. No entanto, existe uma outra Fortaleza, periférica, de estética diferente da vendida ao exterior e às elites brasileiras. Foi a essa outra Fortaleza que visitamos. Foi a partir do olhar dos jovens do Espaço Cultural Frei Tito de Alencar (ESCUA) que conhecemos uma Fortaleza desigual, onde falta muito do simples, do básico, mesmo considerando os avanços conquistados.

“...se lembra que a cidade é lenda que eu nem sei contar...”. Foi com esse trecho da “Ciranda do Escuta” da professora Ângela Linhares que começamos a ouvir a história de sonhos, lutas e conquistas da comunidade que leva o mesmo nome do Espaço Cultural, situada no Pici, bairro da periferia de Fortaleza.

O ESCUTA é resultado de um trabalho voluntário que teve início em 1980 com as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), na arquidiocese de Fortaleza, que vem ao longo dos anos trabalhando a capacitação de educadores populares e inserindo-lhes em ações voltadas à arte e à cultura popular. Surge com a necessidade de espaço físico da comunidade para fortalecimento de sua organização. Diante da ausência de escolas públicas para alfabetização de crianças, jovens e adultos, esse espaço dedicou-se a essa ação e ficou conhecido durante muito tempo pela comunidade como “escolinha”.

Durante mais de 22 anos, o ESCUTA existiu como um espaço informal, apenas comunitário, onde as pessoas se reuniam, planejavam e realizavam ações coletivas, visando ao bem-estar da comunidade, estabelecendo parcerias para a realização de projetos, cursos, oficinas, eventos etc. Então surgiu a necessidade de se tornar jurídica, e depois de uma tentativa que fracassou na década de 1990, em 2002, o ESCUTA ganhou autonomia e personalidade jurídica para realizar parcerias, visando implementar ações de incentivo à produção artística, formação sociopolítica-cultural e desenvolvimento das potencialidades artísticas da comunidade na qual se insere.

Esse processo se deu numa construção permanente de fortalecimento de nossa identidade, enquanto Espaço Cultural legítimo, criativo, dinâmico e participativo, que tem como finalidade a efetivação de políticas públicas de inclusão social a partir de ações de caráter profissional, ético, criativo, educativo, capaz de interferir e transformar a realidade vivida pelas populações marginalizadas nos bairros da periferia de Fortaleza.

Com a missão de ser um espaço de produção, divulgação e incentivo à arte, à educação e à cultura popular como instrumento para o desenvolvimento local e o fortalecimento da cidadania, elevando o conhecimento e a autoestima do seu público-alvo, respeitando o meio ambiente e atuando com programações comunitárias de inclusão da cultura popular na sociedade e em políticas públicas, o ESCUTA realiza atividades culturais. Dentre elas, podemos citar: Reisado do ESCUTA – Fé, Folia e Fraternidade (ou Folia de Reis); Arraiá do ESCUTA; bumba meu boi; brincadeiras populares; Semana cultural do ESCUTA (realizada sempre no período que compreende o dia 10 de agosto – dia em que se celebra a morte de Frei Tito de Alencar); Aniversário da comunidade; Banquete literário (oficina de incentivo à leitura que tem como objetivo formar leitores – trabalha com o público infantil e juvenil); Círculos de cultura brincantes: saberes e formação humana desvendando a ciranda da vida no ESCUTA; Roda de rua (animação cultural com ênfase no teatro de rua a partir de temas definidos pela rede social local); Oficina de fantasia (mamulengos, contações de história, brincadeiras); Círculos de cultura nas escolas; Círculos de cultura nas universidades.

É assim que acontece a vida nessa outra Fortaleza, com a luta cotidiana por melhoria urbana, a partir da organização das comunidades. Se dá movida pela mística das memórias e dos jogueiros, embalados pelas canções de roda e de ninar que nos contam e nos fazem história, pelas melodias das ancestrais lavadeiras mães, avós e bisavós desses meninos e meninas que hoje fazem o ESCUTA.

Foi esse o cenário vivo e dinâmico visitado pela Caravana CAMP e RECID Ceará. Cenário de lutas concretas, que vem sendo sonhado e construído por muitos corações e mãos. Por gentes diversas no jeito de ser e fazer, de cores, credos e idades tantas, mas que cultuam dentro de si e projetam em suas ações um sonho: o de dar concretude ao Projeto Popular de Nação.